

Contrainterpretar o socialismo e ressignificar a modernidade: contribuições de Leonardo Padura

Bruna Tella Guerra¹

Resumo: No texto a seguir, parto da observação do cenário brasileiro contemporâneo para evidenciar o enfatiado conhecimento político e social que tem a população, o qual proporciona mal-entendidos em relação à esquerda e ao socialismo. Mostra-se urgente, então, uma contrainterpretação do socialismo e, conseqüentemente, um novo entendimento da modernidade. Um dos caminhos para isso são as manifestações artísticas, incluindo a literatura. Por isso, num segundo momento do texto, analiso de que maneira o autor cubano Leonardo Padura, mais especificamente em *El hombre que amaba a los perros*, contribui com a contrainterpretação do socialismo e com a ressignificação da modernidade.

Palavras-chave: Modernidade; socialismo; Leonardo Padura; O homem que amava os cachorros.

Abstract: In the following text, I begin with the observation of the contemporary brazilian scene to highlight the weary political and social knowledge that has the population, which provides misunderstandings from the left and socialism. It is shown urgent, then, a counter interpretation of socialism and, consequently, a new understanding of modernity. One way to this are the artistic manifestations, including literature. Therefore, in a second time, I analyze how the cuban author Leonardo Padura, more specifically in *El hombre que amaba a losperros*, helps with the counter interpretation of socialism and the ressignification of modernity.

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – brunatguerra@gmail.com

Keywords: Modernity; socialism; Leonardo Padura; The man who loved dogs.

1. Contrainterpretar: uma medida necessária

O argumento a ser desenvolvido nesta primeira parte do texto tem como ponto de partida alguns episódios brasileiros contemporâneos, a começar pelas campanhas eleitorais para a presidência do Brasil, no ano de 2014, que trouxeram à tona um aspecto relativo à política e à sociedade que aparentemente já vinha sendo construído havia alguns anos: o ódio como afeto político². Nas redes sociais – por meio de blogueiros, músicos, comediantes, apresentadores de TV, políticos e até, por incrível que pareça, um astrólogo – construiu-se um verdadeiro campo de batalhas ideológicas. Consoante a isso, a mídia brasileira – televisiva e impressa – assumiu, em grande parte, um dos lados dessa "guerra". Ataques desaforados ao governo federal e a membros do Partido dos Trabalhadores – este, da situação havia doze anos e supostamente progressista – foram vistos diariamente, culminando, no ano de 2014, em uma campanha eleitoral pessedebista de uma declarada caça ao PT – e, de fato, esse pode ser apontado como um dos *slogans* utilizados pelo candidato Aécio Neves em seu processo eleitoral. Toda essa conjuntura proporcionou uma crença generalizada de que toda a corrupção brasileira residiria em um único partido (o petista) e em um único momento (tempo em que o PT esteve no governo federal). Essas ideias, por conseguinte, reverberaram nas passeatas de 15 de março de 2015, nas quais, sob pretexto de se manifestarem contra a corrupção no Brasil, seus participantes defenderam posições políticas fascistas em cartazes e faixas que clamavam por intervenção militar – forma eufemística de pedir o retorno da ditadura militar. Para além do mote da corrupção,

² *O ódio como afeto político* foi o título de um seminário ocorrido entre março e maio de 2015, em São Paulo.

outros fatores foram evidenciados nessas passeatas – como um *continuum* das redes sociais e da mídia – a – risível – ameaça de uma "ditadura comunista"– adjetivo estranho considerando as "políticas ortodoxas de receituário neoliberal" (CASTELO, 2014, p. 47) tomadas pelo governo federal nos últimos anos –, evidenciada pela integração latino-americana – por isso, houve uma deturpação e demonização do termo "bolivarianismo"– e as relações diplomáticas com Cuba – sobretudo devido ao financiamento parcial do BNDES na construção do porto de Mariel –, país também constantemente detratado pela mídia.

Afora os interesses que subjazem todos esses episódios – e que, para a construção do argumento, aqui não nos interessa –, é perceptível a sobrepujança de uma enorme lassidão do conhecimento e reflexão política e social por grande parte da população brasileira, esmaecimento este que parece anular um aspecto essencial da política moderna: o reconhecimento das posições de esquerda e de direita. Embora não me caiba desenvolver as tensões relativas aos dois termos na contemporaneidade, vale ressaltar que em torno desses eixos, mas sobretudo no da esquerda, é perceptível, nos dias de hoje, uma nuvem de equívocos. Por diversos motivos – e que talvez não seja de minha competência explorá-los – surge uma visão negativa do que possam ser os ideários comunista e socialista, ou, num âmbito geral, esquerdistas, sempre associando-os à burocracia soviética, ao stalinismo e, sobretudo, ao fracasso. Walter Benjamin, em seu famoso texto "Sobre o conceito de História" afirma que "os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores (BENJAMIN, 2012, p. 244). É exatamente esse o caso da nuvem de equívocos que torna nebuloso o que representou o pensamento de esquerda no curso do século XX e o que pode significar na atualidade.

O livro de Tariq Ali denominado *Medo de Espelhos* pode se destinar a esclarecer tais mal-entendidos. Não obstante seus problemas literários enquanto romance³, esse livro tem como protagonista Vlady, um ex-professor de literatura comparada da Universidade Humboldt, comunista da Alemanha Oriental, que vive uma crise moral e política após a reunificação alemã e está fadado ao isolamento e à solidão. Em suma, o texto é uma carta ao filho Karl, membro em ascensão do Partido Social Democrata Alemão (SPD), por meio da qual, devido às más relações de ordem política entre filho e pai – em grande parte ocasionadas pela visão de fracasso que Karl tem a respeito das convicções de Vlady –, este procura prestar esclarecimentos sobre sua ideologia não abandonada. Por isso, afirma:

Você acha que a época era encerrada, uma época de utopias genocidas, subordinou o indivíduo a tijolos de aço, a gigantescos projetos hidrelétricos, a enlouquecidos esquemas de coletivização, e pior. Que a arquitetura social reduzia a estatura moral de seres humanos e esmagava neles o espírito coletivo. Você não está totalmente errado, mas essa não é a história toda. (ALI, 2000, p. 07)

Nesse trecho, referente ao início da carta ao filho, o personagem Vlady recusa uma visão generalizante a respeito do que foi o socialismo, bem como a ideia do total fracasso das ideologias que o tangenciam. Trata-se de uma antecipação da narrativa a ser construída a respeito das contradições vividas pelos membros do Partido Comunista sob os comandos de Stalin. Como forma de argumento ao fato de o filho desconhecer "a história toda", em outro instante explora a designação de "dinossauro" atribuída a ele:

³ Já apontados de forma esclarecedora em: Hardman, Francisco Foot; Löwy, Michael. Sobre um romance de Tariq Ali. *Espelhos Quebrados: a experiência revolucionária em face da crise do modelo soviético*. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.21, 2005, p.167-172.

Os dinossauros desapareceram há mais de um milhão de anos, mas ainda estamos obcecados por eles. Por quê? Porque saber como é por que eles se extinguiram nos ensina muito sobre a vida neste planeta. Fala-se até em reconstruir geneticamente um dinossauro. Em outras palavras, meu filho, eu me orgulho de ser um dinossauro. Sua comparação foi mais reveladora do que você pensa. Talvez no fundo, bem lá no fundo, nós ainda estejamos do mesmo lado. (Idem, p. 09)

Aqui, relacionar o pré-histórico animal ao fascínio que ainda nos causa e apontar a ânsia científica pela possibilidade de sua reconstituição genética, permite a sugestão comparativa de um fascínio latente pelo que foi a experiência e a causa socialista no mundo, e, mais que isso, de uma resignificação. Sendo assim, quando Vlady escreve ao filho, parece deixar um recado também às futuras gerações para que não entendam o socialismo tal qual os "vencedores" o classificaram: como um total fracasso. E talvez seja essa a mensagem de *Medo de Espelhos* em seu desfecho, quando é recomendado ao protagonista que aceite um emprego oferecido pelo amigo e empresário São em uma editora "global", muito embora não tenha perdido suas convicções. Essa "adaptação" ao sistema capitalista, que poderia por muitos ser entendida como uma traição ideológica, é, na realidade, o momento de sua recontextualização.

Proximamente a isso, Hobsbawm (2011) afirma que o socialismo – este, colocado por ele entre aspas –, como foi entendido pela União Soviética e pelas economias de planejamento central, "morreu e não ressuscitará" (Idem, p. 17). Sendo assim, considerando que elas foram instituídas grandemente por meio da interpretação de teorias de Karl Marx, outras leituras do autor de *O Capital* deveriam vir à tona para se pensar o século XXI, afinal, "[n]osso juízo quanto ao marxismo no século XX não se baseia no pensamento do próprio Marx, e sim em interpretações ou revisões póstumas do que ele escreveu" (Idem, p. 16). Em certo instante de *Como mudar o mundo*, Hobsbawm é convicto ao afirmar que, diante dos problemas encontrados neste século, será necessário

novamente que se façam "as perguntas de Marx, mesmo que não [se] queira aceitar as respostas de seus discípulos" (Idem, p. 24), caso haja vontade de resolvê-los. Sendo assim, o historiador também apela para um movimento de ressignificação do socialismo, bem como sugere Vlady no final do livro de Tariq Ali.

No prefácio de *Vale a pena sonhar*, livro autobiográfico de Apolônio de Carvalho, militante das causas comunista e socialista no decorrer do século XX, Antônio Cândido sugere uma forma de entender a causa sem se atrelar a Estados e instituições causadores de preconceitos e equívocos em um contexto contemporâneo:

Apolonio de Carvalho mostra pelo exemplo, pelas idéias (sic), pelas opções que o socialismo é um movimento vivo, sujeito a reajustes, é claro, mas representando o que há de mais alto na luta do homem para humanizar a vida. Sem o socialismo, sem outras modalidades de luta pela justiça, como o sindicalismo e o cristianismo social, o que teria sido o mundo capitalista no século passado e neste? Digo isto para lembrar que mesmo sem tornar-se fórmula política dominante neste ou naquele país, o socialismo tem sido nesses quase dois séculos força corretiva que, ao lado de outras, forçou o capitalismo a assumir formas menos insuportáveis. (CÂNDIDO, 1997, p. 16)

E, com isso, chegamos, enfim, à síntese do argumento que se pretendia desenvolver: quando estamos diante de uma ascendência do conservadorismo, este pautado em discursos anacrônicos e lassos como os existentes no Brasil contemporâneo, mostra-se, cada vez mais urgente, uma nova compreensão, uma contrainterpretação, do socialismo, e, de maneira geral, do pensamento de esquerda. Essa ressignificação, que passa por um desvencilhamento em relação ao stalinismo, uma leitura da história a contrapelo, é a possibilidade de uma nova compreensão da modernidade⁴ e já vem sendo desenvolvida de forma

⁴ Levando em consideração o que Francisco Foot Hardman (2009) afirma em "Futuros modernistas", que "o proletariado, a organização industrial manufatureira e os conflitos sociais daí resultantes são fabricações

interessantíssima por meio de manifestações artísticas, incluindo – como já ficou evidente em relação a Tariq Ali – a Literatura. Esta que, a partir de agora, utilizarei, apontando de que maneira essa contrainterpretação pode ser entendida em um autor contemporâneo chamado Leonardo Padura.

2. Leonardo Padura: a possibilidade de um balanço socialista do século XX

Leonardo Padura nos é de particular interesse num processo de reconstrução de significados do pensamento de esquerda e da modernidade no século XXI. Cubano de *La Habana*, nascido em 1955, tem praticamente a idade da Revolução. Além do mais, falar sobre ele hoje mostra-se deveras oportuno já que Cuba está na ordem do dia. No dia 17 de dezembro de 2014, o país foi notícia em diversos pontos do planeta devido ao anúncio do restabelecimento de suas relações diplomáticas com os Estados Unidos, cortadas havia mais de meio século. A ilha, que sobrevive aos embargos econômicos dos EUA há pelo menos 25 anos após o desmantelamento da União Soviética, é entendido, muito comumente, como uma experiência fracassada e símbolo de um malfadado socialismo. Não é à toa que os argumentos conservadores que têm emergido no Brasil nos últimos tempos se embase, muitas vezes, em suas relações diplomáticas com a ilha caribenha. Cabe lembrar, também, que, igualmente preconceituosos são os defensores irrestritos do castrismo e do sistema socialista cubano, que consideram a experiência indubitavelmente e infinitamente boa. Isso ficou visível quando a blogueira Yoani Sánchez, crítica do governo de Cuba, foi agredida durante sua visita ao Brasil em 2013.

inteiramente modernas", é plausível considerar a Revolução Russa e seus desdobramentos temáticas completamente modernas.

A esse respeito, em entrevista à Carmen de Eusebio, Padura aponta uma bipolaridade no entendimento de Cuba. Os dois polos antagônicos seriam 1) o dos vermelhos – defensores – e 2) dos azuis – detratores do sistema –, ambas posturas capazes de tornar nebulosa a compreensão da realidade de seu país, a qual se apresenta complexa e repleta de nuances divergentes (EUSEBIO, 2014). Ademais, sustenta um binarismo anacrônico e mutuamente excludente entre "socialismo" e "capitalismo", que, de acordo com Eric Hobsbawm (1995), foi uma construção arbitrária e que pode ser entendida apenas em certo contexto histórico.

O livro a ser aqui explorado foi lançado em 2009 em espanhol e em 2013 no Brasil. Trata-se de *El hombre que amava a los perros*. Traduzido para cerca de 10 línguas, foi centro de mal-entendidos e leituras rasas. Certo blogueiro brasileiro considerou uma traição a Leonardo Padura a publicação brasileira pela Boitempo Editorial, levando em consideração ser esta uma editora de diretrizes marcadamente marxistas e de esquerda. No entanto, ao se entender o texto apenas como um ataque ilimitado ao sistema socialista e ao governo cubano, é reforçado um entendimento bipolar, excludente e maniqueísta, sendo que, na realidade, são diversos os pontos que evidenciam um balanço da ideologia, sinalizando, então, sua possibilidade de resignificação. Vamos a elas.

Consoante ao que já havia feito em outras narrativas, como *Pasado perfecto* e *La novela de mi vida*, o autor de *El hombre que amaba a los perros* constrói um entrelaçamento de planos histórico-espaciais. Intercaladas umas às outras, são contadas três histórias que, de maneira geral, podem ser descritas assim: 1) a vida de Trotski, desde que foi expulso da União Soviética até o momento em que é assassinado por Ramón Mercader; 2) este último, membro do Partido Comunista, é justamente o centro de uma das linhas narrativas, começando pelo aliciamento sofrido pela própria mãe para adentrar a causa soviética e passando por todos os percalços causados por essa decisão; 3) a narrativa em primeira pessoa de

Iván, que é o narrador das duas outras histórias, um cubano que conhece Mercáder em uma praia de *La Habana*, acabando por ser seu interlocutor, de forma a se tornar o portador de uma História e de uma história pesadíssimas. Inevitavelmente, as três narrativas se entrecruzam, se contaminam. Devido a isso, Iván talvez possa representar aquilo que é remanescente historicamente, sendo grandemente atingido por situações que supostamente não lhe pertencem⁵. A esse respeito, sobre sua narrativa, logo no início afirma: "no es la historia de mi vida, aunque también lo es" (PADURA, 2013, p. 23), algo semelhante ao que diz seu amigo Daniel Fonseca Ledesma no último capítulo, – denominado Réquiem, este derradeiro capítulo é completamente escrito por Daniel sob forma de um *post scriptum*, nos informando que a ele foram destinados e por ele salvaguardados os documentos de Iván após sua trágica morte –:



Mientras iba leyendo, sentía cómo el propio Iván salía de su piel y dejaba de ser una persona que escribía para convertirse en un personaje dentro de lo escrito: en su historia, mi amigo emerge como un condensado de nuestro tiempo, como un carácter a veces exageradamente trágico, aunque con un indiscutible aliento de realidad. Porque el papel de Iván es el representar a la masa, a la multitud condenada al anonimato, y su personaje funciona también como metáfora de una generación y como prosaico resultado de una derrota histórica (Idem, p. 759-760).

Na construção dos personagens é possível ver a associação de tragédias pessoais à História do século XX, evidenciando de que

⁵ Essa inevitável relação entre histórias pessoais e a História podem ser explicadas, talvez, pelo que afirma Hobsbawm (1995), em *A era dos extremos*, sobre a guerra moderna, especialmente a do século XX, a qual teve o poder de mobilizar grande parte da população mundial, algo que não acontecera anteriormente – um exemplo disso seriam os romances de Jane Austen que, ambientados em plenas Guerras Napoleônicas, sequer fazem referência direta a elas em suas páginas, postura inconcebível a um romancista da Grã-Bretanha do último século –. Sendo assim, o período designado Era dos Extremos, que se estende de 1914 a 1991, composta de Guerras e Revoluções, atinge inclusive aqueles que não estavam diretamente envolvidos aos seus acontecimentos.

maneira megalomania e irresponsabilidade ideológicas podem afetar desastrosamente certas vidas. A começar por Ramón Mercader, cuja primeira aparição na narrativa se dá numa resposta positiva: "–Sí, dile que sí" (Idem, p. 47) quatro palavras responsáveis por todo o seu destino a partir dali. A pergunta a que havia respondido dizia respeito a renunciar a tudo que durante séculos "*nos dijeron que era importante, solo para esclavizarnos*" (Idem, p. 54), a fim de derrotar o fascismo e a favor do socialismo. Quem o busca em uma fronteira de guerra, faz a pergunta e acaba por determinar seu futuro é a própria mãe, Caridad, a serviço do Partido Comunista. Acompanhada pelo irmão de Ramón, Luis, essa cena inicial evidencia uma relação emocional muito forte entre os dois irmãos, a qual, mais à frente, é suprimida durante o processo de despersonalização pelo qual Mercader é sujeitado na União Soviética de Stalin, tendo como consequência inúmeras metamorfoses – mudanças de nome, nacionalidade, cultura – e "apagamento" do próprio passado. A todo o instante há a exigência de que o Partido seja colocado acima de qualquer individualidade, chegando ao ápice de ser impedido de conhecer e conviver com o próprio filho. Sendo movido pelo medo e sem possibilidade de desistência, assassinar Trotski torna-se sua oportunidade de voltar a ser livre.

No caso de Liev Davídovich, ou simplesmente Trotski, ocorre algo semelhante ao que hoje vemos acontecer com Julian Assange e Edward Snowden, ou seja, a aquisição do *status* de um sem-lugar. Expulso de seu próprio país, é acusado "*de sostener campañas contrarrevolucionarias consistentes en la organización de un partido clandestino hostil a los Sóviets*" (Idem, p. 35), e, a partir de então, empreende uma saga que cambia entre recebimentos diplomáticos, expulsões ou fugas de diversos países da Europa, até, finalmente, ser aceito no México, local onde vive restritamente e sob segurança. Ali é, enfim, assassinado após um ludíbrio de Mercader. Trotski, em muitos instantes do livro, aparece escrevendo textos – alguns que se

tornaram famosos –, mantendo sempre a preocupação com o futuro e a derrota de um projeto. Em uma de suas cenas finais de *El hombre...*, escreve: "*Moriré siendo un revolucionario proletario, un marxista, un materialista dialéctico y un ateo irreconciliable. Mi fe en el futuro comunista de la humanidad no es menos ardiente, sino más firme hoy, de lo que era en días de mi juventud*" (Idem, p. 590), palavras que pertencem ao seu Testamento político.

A construção do personagem Iván também é cercada de situações trágicas, as quais chama de *caídas*. Seja pela morte do irmão ao fugir de Cuba após ser perseguido por sua homossexualidade, seja pela morte de sua mulher, Ana, pelo descrédito literário que sempre recebeu ou simplesmente por ser um alcoólatra. Não bastasse isso tudo, Iván é ainda aquele que conhece Ramón Mercader na praia sob outra alcunha, é confidente do que ele tem a dizer sobre o assassinato de Trotski e responsável por uma História obscura. Curiosamente, no início do livro, a cena em que é narrada a convalescência de Ana é concomitante ao furacão Iván, que abalou o Caribe em setembro de 2004. Homônimo ao furacão, a informação guardada pelo cubano Iván também parece ter a função de desestruturar conhecimentos históricos idealistas e petrificados.

Dessa maneira, *El hombre que amaba a los perros* trabalha com a contrainterpretação histórica. O simples fato de dar uma visibilidade grande a Trotski cumpre essa função. Se no século XXI discursos binaristas colocam em descrédito qualquer posição supostamente socialista, tomando como base sempre aquilo que representou historicamente o stalinismo, é importante que se saiba que o discurso trotskista, também de esquerda e opositor a ele, teve sua importância nas Revoluções do século passado, ainda que esquecido nos dias de hoje. Trotski nos mostra, além disso, que pensar a esquerda não é legitimar o que fez Stalin, mas o contrário disso. Por sinal, em muitos de seus discursos existe um trabalho intenso de críticas consistentes ao que se tornou a União Soviética

stalinista, bem como a acusação de um grande falseamento histórico, o qual é assumido ainda hoje não só pela direita, mas por parte da esquerda. Nesse sentido, em determinado instante, o Trotski de Padura chega a pensar que "[s]i la Revolución por la que había combatido se prostituía en la dictadura de un zar vestido de bolchevique, entonces habría que arrancarla de raíz y sembrarla de nuevo, porque el mundo necesita revoluciones verdaderas" (Idem, p. 73). Por isso, quando Leonardo Padura desenvolve em seu livro a figura de Trotski, acaba por assumir ele próprio um posicionamento trotskista de trazer à tona o que foi o stalinismo. Uma das maiores evidências disso acaba se construindo na figura de Ramón Mercader, importantíssima para se provar os crimes cometidos sob os mandos de Stalin, e que, a seu modo, é também uma vítima.

Essa escolha por escovar a História a contrapelo, ou seja, de não assunção do discurso vencedor, torna-se de essencial importância a Cuba, país do narrador de *El hombre que amaba a los perros* e do seu próprio autor. Sob os mandos da família Castro desde a Revolução Cubana, tanto um quanto outro sentiram, de alguma forma, os braços do que se tornou a União Soviética e sua ideologia no século XX. Muitos cubanos, inclusive, aparentemente desconhecem a figura de Trotski. De fato, o personagem Iván, em certo momento, afirma apenas ter conseguido ler clandestinamente a trilogia de Isaac Deutscher, por meio do qual conseguiu se inteirar sobre a figura do "inimigo da Revolução". O próprio Leonardo Padura, em uma entrevista a Pablo Stefanoni, explicita algo semelhante:

Pienso que muchas veces el desconocimiento obligatorio induce la curiosidad, y la curiosidad nos lleva a tratar de conocer. Y fue lo que me pasó con el caso de Trotsky. En la época en la que estudiaba en la universidad y empezaba a hacer algunos trabajos como periodista en revistas culturales y en un periódico cubano, la figura de Trotsky no existía. Era la misma política que se había seguido en la Unión Soviética, donde Trotsky había desaparecido incluso de las fotos históricas en las que todo el

mundo sabia que aparecia este personagem que habia tenido una importancia crucial en la revolucion de octubre. Y entonces dije: quiero saber por que este personaje es tan terriblemente malo. Y fui a la Biblioteca Nacional a ver que literatura habia sobre el y encontré que existia uno de los dos tomos de su biografia, Mi vida, bastante maltratado, y dos libros publicados en la URSS por una editorial que se llamaba Progreso, que publicaba libros en lenguas extranjeras. Uno de ellos se llama Trotsky el traidor y el otro Trotsky el renegado. Era muy clara la posicion que podia existir respecto de la figura de Trotsky. (STEFANONI, 2013)

Esse trecho diz respeito a apenas o início da resposta por meio da qual explica sua decisão de escrever *El hombre que amaba a los perros*, no entanto deixa claro que toda a pesquisa histórica que pressupõe o livro tem a intenção de desobedecer à posição que se exigia oficialmente a respeito de Trotski. O livro de Leonardo Padura, então, tem o papel de fazer uma revisão histórica, sobretudo sobre o socialismo, e de repensar a modernidade. Se há um senso comum nesta segunda década do século XXI que combate veementemente qualquer proposta socialista, romances como *El hombre...* mostram-se contundentes no sentido de colocar em xeque aquilo que a História nos contou a respeito desse ideário e ressignificar o pensamento de esquerda. Dessa forma, uma das respostas à pergunta que se faz Trotski no livro, "*¿cómo luchar contra ellos si esos hombres se han apropiado de la Idea y se presentan al país y al mundo como la encarnación misma de la revolución proletaria?*" (PADURA, 2013, p. 41) pode ser o próprio livro de Padura.



Referências bibliográficas

- ALI, Tariq. **Medo de espelhos**. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas v.1). São Paulo: Brasiliense, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. Prefácio. In: Carvalho, Apolônio de. **Vale a pena sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 16.

CASTELO, Rodrigo. Crise conjuntural e (re)militarização da "questão social" brasileira. **Margem Esquerda**: ensaios marxistas, São Paulo, Boitempo Editorial, n. 23, out 2014, pp. 46-51.

EUSEBIO, Carmen de. Entrevista con Leonardo Padura. In: **CuadernosHispanoamericanos**, n. 764, fev. 2014, p. 106-116.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: *A vingança da Hileia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Como mudar o mundo**:Marx e o marxismo, 1840-2011. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PADURA, Leonardo. **El hombre que amaba a los perros**. Barcelona: Tusquets Editores, 2013.

STEFANONI, Pablo. "No me arriesgo a predecir el futuro de Cuba": entrevista con Leonardo Padura. **Nueva Sociedad**, n. 247, sep/oct 2013.

